

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Laura Nice Dias da Silva

**Fazer feminismos:
uma análise qualitativa do podcast Corpo Especulado**

São Paulo
2023

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

**Fazer feminismos:
uma análise qualitativa do podcast Corpo Especulado**

Laura Nice Dias da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Nonato

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Mídia, Informação e Cultura

São Paulo
2023

Agradeço à Cláudia, minha orientadora, por me ajudar a ressignificar o fazer científico,
ao Kini, meu irmão, por me manter atenta às novidades do mundo,
ao Mauro, meu pai, por me lembrar que a realidade é sempre histórica,
à Eliete, minha mãe, pelas inspirações e olhar atento às narrativas,
às minhas amigas por me incentivarem ao constante movimento,
e, ao Pablo, meu companheiro, pelas trocas cotidianas
e pela constante lembrança que viver é construir futuro.

Fazer feminismos: uma análise qualitativa do podcast Corpo Especulado¹

Laura Nice Dias da Silva²

Resumo: Analisar as formas contemporâneas de fazer feminismos é relevante tanto na revisitação do passado histórico do movimento, como para considerarmos as possibilidades atuais de superação das desigualdades naturalizadas. Com este o objetivo, o presente artigo analisa o podcast Corpo Especulado, uma produção da Revista AzMina e do 37 Graus Podcast, com apoio do Instituto Serrapilheira, que discute a relação entre a ciência e os corpos femininos. A partir da sistematização dos debates apresentados pelos documentos e suas produtoras, e pela associação entre o fazer feminista contemporâneo e a divulgação científica em rede, foi elaborada uma análise qualitativa de conteúdo que identificou como o conceito de gênero e temas centrais do movimento feminista, como aborto, beleza, sexualidade, prazer, loucura, violência, políticas públicas, são abordados pelo objeto de estudo, passando também pelas disputas no campo científico.

Palavras-chave: Jornalismo, Feminismo, Podcast, Divulgação Científica.

Abstract: Analyzing contemporary ways of doing feminism is relevant both in revisiting the historical past of the movement and in considering current possibilities for overcoming naturalized inequalities. With this objective in mind, this article analyzes the podcast Corpo Especulado, a production by Revista AzMina and 37 Graus Podcast, with the support of Instituto Serrapilheira, which discusses the relationship between science and female bodies. Based on the systematization of the debates presented by the documents and their producers, and by the association between contemporary feminist work and scientific dissemination on the network, a qualitative content analysis was carried out that identified the concept of gender and central themes of the feminist movement, such as abortion, beauty, sexuality, pleasure, madness, violence, public policies, are approached by the object of study, also passing through the disputes in the scientific field.

Keywords: Journalism, Feminism, Podcast, Scientific Diffusion.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Cientista social, formada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) como bacharel em Antropologia e Sociologia, em 2017.

Resumen: Analizar las formas contemporáneas de hacer feminismos es relevante tanto para revisar el pasado histórico del movimiento como para considerar las posibilidades actuales para superar las desigualdades naturalizadas. Con ese objetivo, este artículo analiza el podcast Corpo Especulado, una producción de la Revista AzMina y 37 Graus Podcast, con el apoyo del Instituto Serrapilheira, que discute la relación entre la ciencia y los cuerpos femeninos. A partir de la sistematización de los debates presentados por los documentos y sus productoras, y por la asociación entre el hacer feminista contemporáneo y la divulgación científica en la red, se elaboró un análisis cualitativo de contenido que identificó el concepto de género y temas centrales del movimiento feminista, tales como el aborto, la belleza, la sexualidad, el placer, la locura, la violencia, las políticas públicas, son abordados por el objeto de estudio, pasando también por disputas en el campo científico.

Palabras clave: Periodismo, Feminismo, Podcast, Divulgación Científica.

1. Introdução

O mundo digital está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. De conversas particulares às notícias globais, consumimos produtos e informações, seja focada e intencionalmente, ou enquanto realizamos outras atividades rotineiras. Pode ser na ida ao trabalho, na fila do banco ou mesmo no conforto do sofá. Todos os dias há diferentes opções e algumas novidades. O podcast, como uma mídia em formato de áudio, é uma destas possibilidades, pelo “potencial de atrair a atenção do público e proporcionar acesso ao conhecimento, sem exigir grande esforço do ouvinte” (FIGUEIRA, 2020, p.16).

Além dos diferentes tipos de consumo de informações, há uma grande variedade também nos conteúdos possíveis: cultura, moda, esportes, comportamento, notícias, divulgação científica etc. Ou seja, há uma série de especificações que vão dando contornos aos produtos midiáticos disponíveis, desde o tipo de produto, ao formato que chega ao público, como pela variação de conteúdo.

É possível encontrarmos uma enorme diversidade de programas brasileiros, mas compreende-se que para muitos existe o ponto comum e final de transmitir informações, independente se este é classificado como técnico, científico, ideológico, educacional, popular ou para entretenimento. Quando realizamos o recorte para publicações com conteúdos feministas³, se observa a criação de espaço na internet para as pessoas compartilhem sobre si e suas experiências, incluindo temas considerados contra-hegemônicos como assédio, aborto, racismo, homofobia, sexualidade e violência (YAMANOTO, 2021).

“Para falar da conflituosa e não tão científica relação entre a ciência e o corpo feminino”⁴, foi criada a série *Corpo Especulado*, no formato de podcast, disponível em quinze plataformas diferentes, com acesso gratuito. Os seis episódios, com média de 35 minutos cada, têm temas distintos e se desenvolvem individualmente, apesar da construção de paralelos e ganchos entre um episódio e outro, dando força à narrativa da série. A sua realização teve apoio do Instituto Serrapilheira, e é uma junção de trabalho da Revista *AzMina* e do podcast *37 Graus*.

No atual estudo, a partir da vontade central de explorar formas contemporâneas e atuais de fazer feminismo, trabalharemos conceitos que dialoguem sobre a prática de jornalismo engajado com mudanças sociais e suas potencialidades e limitações na rede

³ por feminismo, se compreende que “é um movimento social de caráter político, ideológico e filosófico que tem como propósito a busca por igualdade, por meio da fundamentação teórica e de diferentes formas de militância”. (CANTÚ RODRIGUES SOARES & MAZZARINO, 2021, p.4), esse conceito será trabalhado na seção três deste artigo.

⁴ Fala presente no início de todos os episódios, que funciona como o *lead* jornalístico, fornecendo informações básicas sobre o que é aquele texto.

digital. Para esta pesquisa se considera feminismo como uma ação intencional e prática, que pelo amparo teórico pode trazer modificações coletivas, por isso, neste artigo, utilizamos o verbo *fazer* junto aos *feminismos*.

Questionar a história da ciência, por um viés feminista – fora do embalo negacionista⁵ que confunde convicções religiosas e pessoais com dados estudados e comprovados –, coloca em pauta uma visão crítica e conscientemente política sobre o passado científico, sustentada pela postura jornalística de resistência e oposição às diferenças sociais entre as pessoas. A forma como as jornalistas contemporâneas utilizam da rede para organização e propagação de questionamentos feministas é o que esse trabalho pretende explorar ao fazer um estudo sobre o objeto midiático, *Corpo Espelhado*. Teoricamente se exploram as narrativas históricas do feminismo, para falar sobre sua presença nas redes sociais por meio do podcast. Em seguida, se faz uma análise qualitativa do conteúdo dos seis episódios da série.

Nota-se que o produto de comunicação em massa escolhido foi lançado em 2022, e não há ainda nenhuma outra pesquisa ou artigo referente ao programa. Também não foi localizada nenhuma pesquisa ou artigo sobre o 37 graus, especificamente. Portanto, esta pesquisa dialoga com pares referentes a análise de outros produtos feministas presentes na internet, inclusive de outros produtos realizados pela Revista *AzMina*, pela história do feminismo e, conseqüentemente, pela conceitualização de gênero, além de construir uma interpretação e análise do próprio produto.

2. Podcast: contexto e especificidade

O podcast é um tipo de produto midiático, em formato de áudio que coincide em alguns pontos com os programas de rádio. Disponíveis em formatos variados, como o bate-papo, entrevista, contação de histórias, perguntas e respostas, comentários e mesa redonda, com intenção educacional, informativa ou de entretenimento.

A apresentação do programa pode ser feita em equipe, dupla ou individualmente (podcast solo). Há ainda a possibilidade do áudio ter também uma outra versão audiovisual, como é o caso do formato *Mesacast* ou *Videocast*, no qual o conteúdo é também gravado em vídeo. A duração dos programas também são variáveis, podem durar de horas a minutos. O formato *Drops*, por exemplo, disponibiliza episódios curtos com informações rápidas e concisas. Os conteúdos podem ser distribuídos dentro de uma série temática, com um número

⁵ Para 35% dos brasileiros, a ciência não merece confiança, e 1 em cada 4 pessoas acha que a produção científica não contribui para o país. Ver mais informações em: <https://drauziovarella.uol.com.br/coluna-2/um-terco-dos-brasileiros-desconfia-da-ciencia-coluna/>

fechado de episódios, ou como um programa regular, com frequência diária, semanal, quinzenal, mensal ou, mesmo, irregular.

Diferentemente do rádio, é um produto midiático de rede, dependente da internet. Atualmente e a partir da última década, a distribuição de arquivos de áudio é realizada predominantemente por plataformas de transferência contínua, *streaming*, como o Spotify, Deezer, SoundCloud, Castbox, Google Podcasts, ou seja, as plataformas disponibilizam por transmissão *online* os arquivos em áudio, nos quais é possível realizar o *download* para situações *offline*. Anteriormente as plataformas de *streaming* eram utilizadas apenas para vídeos, no entanto, com adaptação para o áudio, focada na distribuição de música, os podcasts também “foram absorvidos por elas, resultando em um crescimento de sua popularidade pelo fácil acesso aos arquivos, sem a necessidade de um navegador para ouvir o conteúdo” (FIGUEIRA, 2020, p. 28).

Apesar deste tipo de consumo estar se popularizando cada vez mais no Brasil⁶, a palavra que carrega seu significado é importada e há duas histórias que podem contar a origem do termo. Ana Figueira (2020) argumenta que a primeira parte da palavra vem de *Ipod*, marca do aparelho de áudio da Apple. Essa possibilidade se sustenta pela facilidade com que os players de áudio da época, permitiam a gravação de arquivos de MP3. Em outra narrativa, Aline Hack e Angelita Lima (2022) sustentam que *pod*, vem das iniciais da expressão inglesa *personal on demand*, que significa algo que se demanda pessoalmente. Todas concordam no uso do sufixo *cast* a partir da palavra *broadcast*, ou seja, radiodifusão.

Essas duas possibilidades evidenciam a inovação destes produtos de áudio que garantem a autonomia e poder de escolha da pessoa consumidora. O formato podcast, além de permitir a possibilidade da pausa⁷, para a pessoa ouvinte escutar, com interrupções, quando for possível (FIGUEIRA, 2020), permite que se escolha o que será ouvido em uma relação próxima de produtor e ouvinte, intermediada por plataformas que garantem a decisão e realização da vontade de quem usa.

A facilidade de acesso a estes programas ganhou projeção a partir de 2015, provavelmente pelo maior acesso a telefones celulares e internet móvel (HACK & LIMA, 2022). Anteriormente, em 2004, quando foi criado o primeiro podcast, nos Estados Unidos, o

⁶ O Brasil é o 3º país que mais consome podcast estando apenas atrás da Suécia e da Irlanda. Para mais informações ver notícia disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/> Último acesso em 31 de maio de 2023.

⁷ Alguns pesquisadores denominam esta característica por *atemporal*, visto que o consumo não estar fechado em um tempo determinado.

acesso a este tipo de mídia era feito por um caminho complexo⁸ que foi sendo refinado e atualizado, garantindo maior acessibilidade e, conseqüentemente, expansão de público⁹.

No processo de ensino-aprendizagem, o rádio foi um importante precursor se estabelecendo como uma ferramenta muito útil para a formação escolar e para a divulgação científica. A versão em rede, realizada de uma maneira mais descentralizada permite novas e mais opções para os desenvolvimentos de conteúdos de ciência, seja pelas interações com outros produtos, das articulações entre o público, pela disponibilização de outros recursos que dão corpo ao formato em áudio, como texto, fotos, animações etc. (FIGUEIRA 2020).

Os podcasts, que encontraram na segunda geração da internet (Web 2.0), a partir de 2004, possibilidades de produção, distribuição, transmissão e interatividade, são muito utilizados a serviço da divulgação e popularização da ciência. Programas dessa natureza são produzidos, em grande parte, de forma voluntária e tem um viés ativista, com liberdade dos produtores para defender posições como, recentemente, a valorização das universidades e da ciência. Eles despertam a atenção de ouvintes que querem se aprofundar em assuntos temáticos e dedicam tempo a isso (FIGUEIRA, 2020, p.29)

Compreende-se a divulgação científica como a disseminação de informações e debates científicos direcionada ao público em geral, principalmente, para as pessoas que estão fora da comunidade acadêmica. A comunicação entre cientistas também pode ser feita pelo uso da mesma, no entanto o diálogo entre pares, normalmente, é circunscrito a áreas correlatas do fazer científico. Neste ponto fechado da ciência, a divulgação científica pode ser um movimento de abertura e alcançar cientistas de diferentes áreas (FIGUEIRA, 2020).

O formato de áudio pode se aproximar com informações mais diretas e em linguagem coloquial e cotidiana e é um produto que acompanha, garantindo o movimento das pessoas. A relação com as vozes e os áudios podem, inclusive, ser uma ferramenta de aproximação entre as pessoas produtoras, a comunidade e o público consumidor.

⁸ O detalhamento do caminho digital dos primeiros podcasts está disponível em Hack & Lima, 2022.

⁹ Na discussão sobre a democratização da internet é possível encontrar argumentos que ao compararem com o rádio, para estes uma das vantagens do podcast é o baixo custo de produção. “Basta um computador acoplado a um microfone apropriado e um software instalado para gravação e edição do áudio” (FIGUEIRA, 2020, p.28). No entanto, consideramos importante colocar em perspectiva esta afirmação. Para além da conquista de autonomia pela produção, é preciso considerar além do trabalho da construção de um programa, questões subjetivas que garantem um produto de qualidade, seja estratégias para se comunicar com o ouvinte, desenvolvimento da pesquisa (se necessário), entre outras variáveis e também diferenças estruturais e práticas dos dois produtos, que têm diferenças significativas de regulamentação e também de monetização.

3. Feminismos: histórias e atualidades

É evidente que as pessoas são diferentes. Estas diferenças, entendidas como naturais, se estendem para outros aspectos das relações entre pessoas e naturalizam também as desigualdades. Este duplo procedimento de naturalização ampara, sustenta e alimenta discriminações sociais (PISCITELLI 2009). Para Adriana Piscitelli, enquanto movimento teórico e prático, o feminismo busca resolver o questionamento de “como noções de feminilidade e masculinidade articuladas a outros aspectos, como classe social e também raça, participam da produção dessa desigualdade?” (PISCITELLI, 2009, p.124)

Nas leituras clássicas ocidentais da diferença sexual, o movimento feminista costuma ser historicamente dividido em ondas. A diferenciação entre elas se dá pelas reivindicações e formas de militar, diretamente relacionados ao contexto histórico em que acontecem (CANTÚ RODRIGUES SOARES & MAZZARINO, 2021). Desde o início, se começou a formular uma pergunta “decorrente da ideia de *direitos iguais*, que será central nas elaborações posteriores do feminismo: ‘Se a subordinação da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela, e como ela se mantém?’ ” (PISCITELLI, 2009, p.129)

A Primeira Onda Feminista, datada no final do século dezenove e começo do século vinte, é considerada a partir da organização de grupos, no continente europeu e nos Estados Unidos, com objetivos similares de garantir “direitos iguais à cidadania”, pela conquista de direitos políticos e jurídicos, como o acesso à educação, poder de posses e bens e ao direito ao voto. Estas ativistas eram majoritariamente mulheres brancas e faziam parte de uma elite classista, as mulheres negras que se organizaram nesta primeira onda tinham pautas dos direitos políticos e jurídicos relacionados ao sistema escravocrata, ou seja, parte da luta era pela abolição da escravidão (CANTÚ RODRIGUES SOARES & MAZZARINO, 2021).

No Brasil, há muitos paralelos importantes com essa primeira fase de organização, também tivemos o contorno do sufrágismo e a luta pelo acesso à educação. As brasileiras, que faziam parte da elite nacional, deram força para o desenvolvimento de disputas pela garantia da educação formal e pela presença de mulheres na política institucional, seja pelo direito ao voto, que só foi garantido a partir de 1934, ou pelo pioneirismo de ocupação de cargos públicos. Para as classes altas, o lar e a família ainda eram considerados como o lugar de mulher, enquanto as classes mais baixas já ocupavam as indústrias têxteis, se organizando em movimentos operários (FELGUEIRAS, 2007).

A tese de Simone de Beauvoir, que em 1949, na França, lançou a obra literária *O Segundo Sexo*, explicitando como a posição da mulher faz parte de uma construção social,

foi precursora da Segunda Onda do Feminismo, que normalmente é delimitada entre os anos 1960 e 1980, acompanhada de duas questões fundamentais: o que é ser mulher? e qual o seu papel? (CANTÚ RODRIGUES SOARES & MAZZARINO, 2021). “O pensamento feminista da segunda onda colocou as reivindicações voltadas para a igualdade no exercício de direitos, questionando, ao mesmo tempo, as raízes culturais dessas desigualdades” (PISCITELLI, 2009, p.135).

Outra questão significativa deste período é a associação de que os lugares pessoais da vida cotidiana, ou seja, da vida doméstica e particular, também fazem parte de uma disputa política, o que explica a força do *slogan* “o pessoal também é político”. A partir deste princípio, aparecem reivindicações que permeavam a sexualidade e a violência, como o prazer, a contracepção, o aborto, as violências domésticas e outras opressões cotidianas (FELGUEIRAS, 2007). Na esfera institucional, começa a se organizar a compreensão da necessidade de construir políticas públicas que atendessem a essas desigualdades e trouxessem mais proteção às mulheres.

Neste período, em contraponto, a mobilização feminista brasileira teve grandes obstáculos com o recrudescimento do golpe militar de 1964. As organizações em partidos políticos, associações e grupos de estudo, de trabalhadoras e operárias perdem força socialmente, pois todas formas de organização coletivas contrárias ao governo militar passaram a ser consideradas clandestinas (FELGUEIRAS, 2007). Mas também sofreram dificuldades de se manter dentro dos próprios movimentos de resistência, “como a dominação masculina estaria presente através do tempo e das culturas, poucas instituições poderiam escapar do patriarcado” (PISCITELLI, 2009, p.136). Então, em ajuste às demandas urgentes da época, as militantes passaram a se empenhar também na luta contra a ditadura militar.

Durante o processo de redemocratização brasileira, com o retorno do exílio de muitas pessoas militantes, novas perspectivas foram incorporadas na luta, dando mais força e visibilidade a questões antes consideradas como exclusivamente pessoais, como os casos de violência doméstica, e também, pela organização de políticas públicas de combate a este tipo de violência (FELGUEIRAS, 2007).

Na terceira Onda do Feminismo, delimitado entre as décadas de 1980 e 1990, se começa a problematizar o conceito de mulher como um ser único, resumida ao sexo. As opressões sociais passam a ser compreendidas com maior complexidade e de maneiras diferentes, passando a ser “fundamental reconhecer as variadas identidades e experiências de cada mulher. A obra *Mulheres, Raça e Classe* da autora negra Angela Davis, publicada em 1981, é uma das bases teóricas desta insurreição” (CANTÚ RODRIGUES SOARES &

MAZZARINO, 2021, p.5). Com uma maior popularização do movimento feminista, as segmentações começam a tomar contornos. Compreende-se que o feminismo não é um movimento único, mas sim plural, feito de muitas vozes e realidades distintas. É neste momento histórico que passa a se falar sobre feminismos, considerando que assim como não há um tipo único de mulher, não há um tipo único de luta.

A partir deste período, “as feministas começaram a questionar o processo histórico ao longo do qual se passou a pensar que o *sexo* e a *natureza* seriam elementos fixos, anteriores à cultura. No que se refere ao sexo, a própria natureza contesta essa fixidez” (PISCITELLI, 2009, p.142). Nesta distinção, se formulou um pressuposto teórico de que a palavra *sexo* remete às distinções biológicas, ou seja, da natureza, enquanto a palavra *gênero* referencia o caráter cultural das distinções das pessoas, principalmente entre as ideias sobre feminilidade e masculinidade. Este sistema sexo/gênero carrega um conjunto de arranjos que transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana, como a aliança entre famílias e a heterossexualidade, por exemplo (PISCITELLI, 2009).

No entanto, apesar desta tese encontrar respaldo teórico e prático, feministas negras de países com passado histórico colonial¹⁰, a colocaram em perspectiva considerando outras variáveis relevantes,

consideraram que no sistema sexo/gênero o foco singular no gênero fazia com que essa categoria (...) subordinasse todas as outras. Sublinhando as diferenças entre mulheres, elas exigiram que gênero fosse pensado como parte de um sistema de diferenças, de acordo com os quais as distinções entre feminilidade e masculinidade se entrelaçam com distinções raciais, de nacionalidade, sexualidade, classe social, idade (PISCITELLI, 2009, p.141).

A partir dessa revisão teórica de conceitos, algumas alterações foram sendo necessárias, como a substituição da relação entre dominação e subordinação, pela compreensão de pessoas opressoras e pessoas oprimidas (PISCITELLI, 2009). Desta forma, o conceito de patriarcado¹¹, que já vinha sofrendo um esvaziamento de significado, passou a ser quase obsoleto. Compreende-se que os sistemas de dominação nos quais se articulam

¹⁰ Adriana Piscitelli utiliza o termo “Terceiro Mundo”. Neste trabalho evitaremos essa categoria de análise por considerarmos que a divisão entre Primeiro/Terceiro Mundo apaga o contexto histórico colonialista, que é tão fundamental para compreendermos as realidades e contextos sul-americanos.

¹¹ “O pensamento feminista procurou no patriarcado a ideia de uma origem, de um tempo anterior, quando teria começado a história da opressão das mulheres. E se o patriarcado teve um início, poderia ter um fim. O conceito de patriarcado foi se estendendo no discurso político e na reflexão acadêmica, sem que fossem trabalhados aspectos centrais de seus componentes, sua dinâmica e desenvolvimento histórico. Com o decorrer do tempo, o patriarcado passou a ser um conceito quase vazio de conteúdo, nomeando algo vago que se tornou sinônimo de dominação masculina de um sistema opressivo tratado, às vezes, como se tivesse uma natureza imutável. Assim, o conceito trouxe problemas delicados em termos metodológicos” (PISCITELLI, 2009, p.137).

diversas formas de opressão, como gênero, classe, raça, idade, nacionalidade, não tem efeitos idênticos nas mulheres, ou seja, as situações podem ser exploradas em suas particularidades (PISCITELLI, 2009).

Esta nova política de gênero, ganha força a partir da década de 1990 e traz novas leituras ao considerar que as distinções entre masculino e feminino não esgotam os sentidos do mesmo, e que é preciso incluir outras categorias neste debate, pessoas que questionam a coerência entre o sexo e gênero, como as intersexo, não-binárias, trans e travestis, assim como qualquer outra possibilidade dissonante (PISCITELLI, 2009). Em paralelo a esse debate teórico e a partir do século vinte um, começa-se a delimitar uma nova forma de fazer feminismo aliada às inovações da comunicação em massa e da organização em rede digital.

Algumas pesquisadoras afirmam que estamos, atualmente, vivendo a Quarta Onda Feminista, e que uma das suas importantes diferenciações é a utilização das redes sociais como veículo de comunicação interna e externa, seja como ferramenta de organização, para articulação social ou fortalecimento dos ideais feministas (CANTÚ RODRIGUES SOARES & MAZZARINO, 2021).

A popularização da informação causada pelas redes sociais impulsiona o novo feminismo, dando voz a grupos que as fases anteriores não foram capazes de representar e levando informação a quem antes se encontrava às margens do conhecimento. O feminismo se apropria das redes sociais e do mundo virtual para levantar bandeiras já conhecidas das fases anteriores (CANTÚ RODRIGUES SOARES & MAZZARINO, 2021, p.6).

A forte presença de conteúdo em massa, conectado em rede, seria uma das características mais importantes desta quarta onda feminista. Esta nova forma de fazer feminismo, que faz uso de canais digitais de vídeos, blogs, sites, redes sociais, produzindo conteúdos específicos, está sendo chamada por algumas pesquisadoras como ciberfeminismo, (FELGUEIRAS, 2017), ou seja, a militância ocupa e faz uso direto do ambiente e das ferramentas virtuais para pautar suas demandas. “O feminismo nas redes se torna uma forma sutil, mas imprescindível de “questionar as relações e desigualdades de gêneros sob uma abordagem de fácil entendimento e que intercambia sujeitos (...) que possivelmente não tiveram acesso direto a estes estudos (o teórico)” (MARIA ELISA M. SANTOS, 2018 *apud* CANTÚ RODRIGUES SOARES & MAZZARINO, 2021, p.11).

Este feminismo em rede evidencia muitos problemas e divisões internas do movimento, assim como explicita a pluralidade sobre questões que há décadas vêm sendo

debatidas e revisitadas. Há ainda as diferentes estratégias de ação e movimentação das diferentes pessoas, sendo cada vez mais necessário falarmos em feminismos, “pois a singularidade não comportaria a diversificada gama das questões abraçadas pelo movimento feminista atual” (FELGUEIRAS, 2007, p.109).

Para além da naturalização da discriminação entre pessoas de diferentes gêneros, a luta feminista encontra resistência cotidiana, com questionamentos acerca da necessidade de manter uma luta organizada e atenta. Uma das estratégias de abafamento é de compreender as feministas como pessoas com desejos de vitimização ou o oposto, de criar uma suposta superioridade feminina (FELGUEIRAS, 2007). Esse tipo de ironia e descrédito são gerados nos processos de disputa de poder e controle que há anos vêm sendo debatidos e contestados.

As reformulações e distinções entre homens e mulheres, têm sido pensadas a partir de questionamentos de como “construções de masculinidade e feminilidade são criadas na articulação com outras diferenças (...) e como essas noções se embaralham e misturam no corpo de todas as pessoas” (PISCITELLI, 2009, p.147). Por isso, os feminismos, enquanto oportunidades contemporâneas de diminuir as discriminações sociais, devem ser avaliados e revistos para além das teorias, mas também como ações, seja de organização, de difusão, de mobilização etc. Assim, nos questionamos, como os produtos midiáticos atuais podem fazer feminismos?

4. Metodologia

A pesquisa se desenvolve a partir do interesse pelo objeto de estudo, o podcast Corpo Especulado. Busca-se compreender e sistematizar os debates apresentados pelos documentos e suas produtoras, assim como identificar a associação entre o fazer feminista contemporâneo e a divulgação científica. Para tal, foram feitos estudos bibliográficos sobre feminismo e sobre divulgação científica no formato de podcast, assim como o estudo direto do próprio objeto. A partir da série em áudio, uma fonte documental secundária, elaboramos uma análise qualitativa do conteúdo da série, que foi analisado e sistematizado por episódio e, também, integralmente, tanto pelo discurso, como mapeamento de conceitos e disputas.

Para Antônio Carlos Gil, autor de *Método e Técnicas de Pesquisa Social* (2008), são considerados documentos quaisquer objetos que possam contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno (Gil, 2008, p.166). Reconhecemos que os documentos para comunicação em massa “possibilitam ao pesquisador conhecer os mais variados aspectos da sociedade atual e também lidar com o passado histórico” (GIL, 2008, p.171). E que fomos cuidadosas ao trabalhar com os mesmos, por compreendermos que apesar do objeto de estudo

estar em uma fronteira muito próxima do fazer científico (por se tratar de um produto de divulgação científica), não foram elaborados com fins científicos, mas com fins de divulgação e propagação.

A análise de conteúdo seguiu a divisão em três etapas sugeridas por Bardin (2007 apud Gil, 2008). A pré-análise, em que se organizam os primeiros contatos com os documentos, foi em 2022 enquanto ouvinte espontânea do podcast, depois, com a possibilidade de pesquisa e escrita do artigo, foi realizada a exploração do material, para sistematizar as informações coletadas, através de recortes e classificações, por fim, realizamos o tratamento de dados, inferências e interpretações, tornando os dados válidos e significativos cientificamente pela discussão com pares a partir da revisão histórica e até a atualidade do fazer feminismo, seus conceitos, temas e disputas.

A importância deste trabalho pode ser vista por uma perspectiva macro de investigar os processos de mudanças sociais da divisão de gênero, que em recorte é feito pelas possibilidades de produtos midiáticos feministas. Em um viés específico, a importância se dá pela escolha do objeto de estudo atual e inédito. Até o começo de 2023 não há análises sobre o podcast Corpo Especulado publicadas nas plataformas de pesquisa acadêmica, como a Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o Google Acadêmico.

5. Análises e Resultados da Pesquisa

O feminismo vem sendo discutido como conceito e também como prática, na tentativa de transformar as relações localizadas em um tempo-espço histórico dinâmico. Assim, dividimos a penúltima parte deste artigo em três subtópicos. Com a apresentação das artistas e das obras, seguimos para uma análise do conteúdo sobre temas e conceitos, finalizando com uma apresentação, com embasamento teórico, da temática central da série: as disputas científicas que perpassam o conceito de gênero e, conseqüentemente, pelos diferentes corpos.

5.1 As produtoras e o produto

A Revista AzMina é um veículo jornalístico, disponível em plataforma digital¹², focalizado em cobrir conteúdos diversos com perspectiva de gênero, no qual a definição do público, assim como da equipe é feita pela pluralidade, com a inclusão de homens trans, transmasculinos e pessoas não binárias. A fundação, em 2015, aconteceu a partir de um financiamento coletivo e pela urgência das pessoas envolvidas em trazer um contraponto

¹² Disponível no site: <https://azmina.com.br/>

gratuito para a mídia brasileira que tratava de temas sociais por um viés conservador¹³. Em 2017, a Revista foi integrada pelo Instituto AzMina, uma organização sem fins lucrativos, que atua para além do jornalismo. Neste momento, a equipe da AzMina é formada por 24 pessoas localizadas em cinco estados, sendo a maioria pessoas não-brancas e algumas LGBTQIA+, especificamente pessoas bissexuais e pansexuais e não-binárias.

A demanda de criação de uma imprensa feminina acompanha as lutas sociais pela equidade de direitos. Nos séculos dezenove e vinte, um nicho editorial mais atento ao cotidiano e estes desejos começou a se desenvolver, com o mote de não ser “para as mulheres, e sim sobre mulheres” (JESUS, 2016, p.7 *apud* ROSSI & MANENTE, 2019, p.3). Rossi e Manente (2019) chamam a atenção para o paralelo da existência de um jornalismo feminino e o não-equivalente masculino. Ou seja, AzMina se posicionarem como um veículo feminista evidencia a prioridade com uma agenda social.

Militar, dentro do jornalismo, em favor do feminismo, com a produção de grandes reportagens, é adentrar o espaço público para ceder espaço às mulheres que, em boa parte da história, não foram ouvidas. Não se trata de distorcer a realidade e sim de recortá-la para um outro olhar mais crítico e pensado fora do senso comum. Consequentemente, essas jornalistas estão formando, dentro da opinião pública, novas percepções sobre como a sociedade as enxerga, pautando o que consideram necessário ser dito (ROSSI & MANENTE, 2019, p.8.)

Via de regra, AzMina traz para o debate assuntos contra-hegemônicos. Na série Corpo Especulado, por exemplo, entra em pauta a garantia de direitos de pessoas intersexo, a história patriarcal da ginecologia, práticas cirúrgicas ética e moralmente questionáveis e até ilegais, o desconhecimento anatômico de corpos sem pênis e gônadas. É importante destacar que nestas pautas se embrenham outros temas como maternidade, racismo, homofobia, violência contra a mulher – algumas das linhas editoriais da Revista.

Uma das estratégias da organização para veiculação de informação e também dos debates é ramificação em outros formatos, para além do texto e divulgação em outras plataformas digitais como Instagram, Twitter, Facebook, Youtube e tocadores de áudio. E é nesta abertura de conteúdo que AzMina encontrou o 37 graus para realização do projeto.

¹³ “A mídia brasileira chamava feminicídio de “crime passionnal”, “feminismo” era um palavrão e as mulheres negras, indígenas, trans e lésbicas eram invisíveis para a grande mídia. Não nos sentíamos representadas pelas definições estreitas de feminilidade e gênero em voga na mídia e na sociedade. Entendemos que esse posicionamento da mídia em relação às mulheres não apenas reflete, mas também reforça, a violência contra a mulher, além de manter ideias sexistas e estereótipos nocivos.” - Link para a matéria: <https://azmina.com.br/revista-azmina/> - Acesso em 31 de maio de 2023

O 37 Graus, realizado por duas mulheres, Sarah Azoubel e Bia Guimarães, se apresenta como um “podcast que conta histórias com um pé na ciência”¹⁴. As duas atuam como produtoras, apresentadoras e editoras de som e viajam pelo Brasil para contar sobre outras pessoas, cotidianos e mundos¹⁵. Com bagagem de seis temporadas, mais uma temporada bônus, elas acumulam cinco anos de experiência produzindo podcasts, incluindo uma parceria com o Jornal Folha de São Paulo em março de 2020, na série Epidemia.

A série Corpo Especulado manteve o caráter espontâneo da contação de histórias, mas desta vez, em formato de conversa, sempre entre duas mulheres (do 37 Graus e da AzMina). As apresentadoras que abrem a chamada do podcast, a Sarah Azoubel e a Helena Bertho, jornalista e diretora da redação da Revista AzMina, se revezam nesta conversa com outras mulheres que fizeram parte da produção da série: a Bia Guimarães, produtora do 37 graus, a Marília Moreira, repórter da AzMina e a Joana Suarez, a gerente de jornalismo da AzMina. Importante destacar que nas conversas apresentadas há sempre uma representante desta parceria, evidenciando o comprometimento com a articulação conjunta do fazer feminismo.

Considerando as possibilidades que programas de áudio podem oferecer, e partindo dos gêneros radiofônicos a série se encontra como uma produção jornalística documental, pois apresenta um formato híbrido, que incorpora elementos de outros gêneros, como “entrevistas, depoimentos pessoais, opiniões e dramatização de textos e acontecimentos. Para tanto, necessariamente exige o uso de música e efeitos” (VICENTE, s.d, p.3). A coloquialidade, com espontaneidade ao abordar os assuntos, é o que facilita a comunicação para a popularização da ciência (FIGUEIRA, 2020), ou neste caso, pela popularização dos debates e disputas na áreas científicas.

Nas redes sociais, o feminismo explora diversas linguagens. Ele investe em perspectivas abertas para a experimentação entre o pessoal e o público, explora de forma metódica a força de mobilização que têm os relatos pessoais, principal instrumento do feminismo contemporâneo, uma vez que as experiências em primeira pessoa passam a afetar o outro quando compartilhadas na rede. Mais do que defender suas ideologias, as feministas produzem laços grupais que criam uma percepção comum. CANTÚ RODRIGUES SOARES & MAZZARINO, 2021, p.6)

¹⁴ Disponível no site: <https://www.37grauspodcast.com/sobre/>

¹⁵ Sarah Azoubel no 1º episódio da série, Duas Caixinhas, no 1 '26" descreve o 37 graus como um podcast “que decifra mistérios do mundo a nossa volta”.

Todo episódio além de fontes e referências históricas, coloca no bate-papo entre as apresentadoras trechos de entrevistas com pessoas que trazem o que está em debate por uma perspectiva pessoal, de história de vida, ou técnica, de pesquisa acadêmica. Thaís Emília, pesquisadora e educadora sexual, por exemplo, entrevistada no primeiro episódio sobre os desafios de ter sido mãe de uma bebê intersexo, evidencia o imbricamento entre as múltiplas identidades que assumimos socialmente. Apesar do recorte ter sido realizado pela sua vida pessoal e política, a parte profissional não deixa de ter associações diretas, evidenciando como a identidade das pessoas são múltiplas, inclusive em si próprias.

As pessoas entrevistadas devido à relação profissional com os temas dos episódios são especialistas, pesquisadoras das áreas abordadas ou profissionais da saúde. Importante destacar que, a maioria são mulheres e que consta nas notas de cada episódio todas as pessoas que foram entrevistadas durante o preparo do mesmo, inclusive as que não tiveram nenhum trecho de áudio da entrevista incluído no programa final.

Ainda junto das notas são disponibilizadas *online* transcrições de todos os episódios. Esta característica inclusiva da série é uma inovação para as duas partes envolvidas. Ou seja, em nenhuma das produções de áudio realizadas anteriormente pelo 37 graus, nem pela AzMina (seja independentes ou com outras parcerias ou patrocínios), garantiu o acesso às pessoas não-ouvintes ou que fazem preferência de acessar o conteúdo por escrito.

Para fins de análise, foram sistematizadas todas as pessoas, instituições, fontes e documentos apresentados em cada episódio. A partir deste compêndio, verificou-se padrões e percebemos que algumas entrevistas tinham finalidade técnica, para dar embasamento científico e de comunicação com os pares acadêmicos ou pessoal, para aproximar o ouvinte de alguma experiência vivida. Para as referências restantes, percebe-se que todas eram de menção e que havia três grandes grupos, um que juntava as pessoas, sejam figuras históricas importantes para a ciência ou pesquisadores atuais do campo em debate, instituições médicas, governamentais ou de pesquisa e também fontes documentais, como livros e revistas. Na tabela abaixo também quantificamos as referências mencionadas durante cada episódio, dividindo em três categorias distintas.

Não duplicamos o número de documentos quando este é associado a autoria de alguma pessoa já mencionada. Exemplo, no primeiro episódio é mencionada Anne Fausto Sterling, bióloga, professora emérita da Brown University, autora do livro *Sexing the body*. Apesar da dupla informação de pessoa e livro, foi contabilizada apenas uma como referência técnica, ou seja, de pessoa, justamente por compreendermos que ela, como pessoa, deve vir

antes do livro. A referência documental aparece quando a obra é referenciada como principal e a pessoa que escreveu, se mencionada, como secundária.

Tabela 1 - Sistematização dos episódios

		Quantidade
Episódio 1 - Duas Caixinhas, apresentado por Sarah Azoubel e Helena Bertho		
Referências	Técnicas ou Históricas	2
	Instituições	3
	Documentos	1
Entrevistas	Técnicas	2
	Pessoais	3
Episódio 2 - Especuladas, apresentado por Sarah Azoubel e Marília Moreira		
Referências	Técnicas ou Históricas	5
	Instituições religiosas, tradicionais, médicas	3
	Documentos revistas e livros	3 + 1 não mencionado, mas presente nas notas
Entrevistas	Técnicas	2 + 1 não mencionado, mas presente nas notas
	Pessoais	0
Episódio 3 - Históricas e Lobotomizadas, apresentado por Bia Guimarães e Helena Bertho		
Referências	Técnicas ou Históricas	4
	Instituições	3
	Documentos	0
Entrevistas	Técnicas	3
	Pessoais	1
Episódio 4 - Complicadas Demais, apresentado por Sarah Azoubel e Helena Bertho		
Referências	Técnicas ou Históricas	0
	Instituições	3
	Documentos	0

Entrevistas	Técnicas	2 + 3* não mencionadas, mas incluídas nas notas do episódio
	Pessoais	1
Episódio 5 - Orgasmos Perdidos, apresentado por Sarah Azoubel e Joana Suarez		
Referências	Técnicas ou Históricas	5
	Instituições	2
	Documentos	1
Entrevistas	Técnicas	4
	Pessoais	0
Episódio 6 - Cereja no Bolo, apresentado por Bia Guimarães e Helena Bertho		
Referências	Técnicas ou Históricas	1
	Instituições	4
	Documentos	0
Entrevistas	Técnicas	3
	Pessoais	1

Fonte: a autora

Pela centralidade do tema do produto, ciência e corpo feminino, compreende-se a importância de articular diferentes nomes, personalidades e documentos científicos na narrativa. No entanto, se destaca a estratégia de aproximar os temas com histórias pessoais. Esta facilidade dos produtos em áudio, somadas as apresentações de vozes distintas e uma conversa entre narradoras facilita o caminho de quem ouve temas tão complexos.

Thaís Rossi e Marília Emília Manente (2019) evidenciam que para a Revista AzMina, o jornalismo feminista ao ser realizado na desconstrução, precisa inverter a lógica das perguntas, uma vez que o mesmo é movido por questionamentos. A partir desta compreensão fomos em busca de identificar quais são as perguntas centrais de cada episódio, e como estas são relevantes no caminho argumentativo construído.

O episódio 1, *Duas Caixinhas*, tem como ideia central a apresentação da exclusão social, em diferentes esferas, de pessoas intersexo. No entanto, a pergunta que direciona o episódio não é centrado na diferença dessas pessoas, mas justamente do ponto de partida anterior a essa classificação: o que define se um corpo é considerado do sexo masculino ou

feminino? Assim, já no começo da série é apresentado o pressuposto científico e classificatório do binarismo atrelado ao corpo, mesmo quando não há consenso sobre os definidores serem por órgãos, cromossomos ou níveis hormonais. Essa divisão impacta contextos teóricos históricos da separação entre sexo e gênero, natureza e cultura, mas também pessoas reais que fazem parte do grupo de corpos dissonantes.

A partir do segundo episódio, quando se adentra a história da ginecologia, o recorte de gênero fica mais fechado nos corpos femininos, retomando a perspectiva histórica binária. Importante destacar o cuidado que as produtoras tiveram em comentar sobre a escolha deste uso por se tratar de uma revisão histórica da construção desta ciência. E que não são só mulheres *cis*¹⁶ que fazem uso da ginecologia, mas há também homens trans, não-binária etc.

Especuladas, traz o questionamento central: como a história da ginecologia afetou e afeta o conhecimento e controle sobre o corpo feminino? A partir de uma avaliação dos protagonismos de diferentes personagens históricos, investigando documentos técnicos e fazendo uma avaliação atual e futura do espécuro (instrumento que afasta as paredes vaginais, comumente utilizado para realizar exames ginecológicos), as jornalistas chamam a atenção que também na área médica existe uma ciência desenvolvida exclusivamente para mulheres, enquanto não existe o equivalente masculino. Essa diferenciação foi toda construída por homens que levaram todo o crédito pelo desenvolvimento centrado prioritariamente na reprodução e pouco sobre o bem-estar das pacientes, evidenciando o controle social sobre os corpos não-masculinos.

O episódio três, *Histéricas e Lobotomizadas*, na esteira da discussão histórica da ciência, questiona: como a história da loucura afetou e afeta o conhecimento e o controle sobre o corpo feminino? Através da história de Jéssica Barbosa, que encontrou na avó a resolução de um mistério familiar mas também a realidade de muitas mulheres que foram diagnosticadas como loucas ou histéricas em um momento em que a quantidade de mulheres internadas era muito superior, quando comparada a de homens. O episódio também passa pela explicação histórica e social sobre a lobotomia, um procedimento médico cirúrgico realizado no cérebro, até chegar na alta medicalização como tratamento de questões de saúde mental, para evidenciar diferenças entre os diagnósticos e tratamentos sobre a saúde mental entre gêneros.

Quando Sarah Azoubel, mirou na fisiologia dos corpos para o episódio quatro, ela acabou acertando na dor dos corpos e conseqüentemente em como as distinções se

¹⁶ Mulheres cis são aquelas que foram designadas assim ao nascer e se identificam com essa identidade ao longo da vida.

relacionam com essa temática. A pergunta central que dá retorno a esta narrativa é a busca em compreender: Quais processos funcionam de modo diferente nos corpos femininos? Constata-se que a diferença entre corpos foi ignorada por muito tempo, pois o corpo masculino era o padrão de estudo, de referência e, por consequência, de parâmetros, inclusive em relação ao uso de medicamentos. *Complicadas demais* também passa pelos mistérios da Fibromialgia, uma doença relacionada à dor no corpo todo e como a jornada da pessoa paciente pode ser penosa na busca de um diagnóstico.

Orgasmos perdidos é o quinto episódio que tem como pergunta central o porquê muitas pessoas não conhecem o clítoris? Esse órgão sexual feminino, importante para o prazer, passou por uma jornada científica longa de descoberta e redescobertas sequenciais que tem relação próxima com os tabus sociais do próprio prazer feminino.

Já a história da cirurgia plástica evidencia contornos que foram estabelecidos e direcionados para as mulheres a partir de associações com saúde mental e autoestima. A partir da dúvida de como a beleza e as cirurgias estéticas são vendidas como produtos de saúde, o último episódio, *A cereja do bolo*, narra como uma série de técnicas que tem sua origem na reparação de soldados de guerra, se tornou questão de saúde para muitas mulheres, tanto como produto, como possível complicação médica.

5.2 Conceitos e Temas

A partir de um levantamento das narrativas dos episódios, percebemos uma série de conceitos e temas abordados pelo podcast. Através de uma escuta cuidadosa, aliada às transcrições disponíveis *online* no site do 37 Graus, listamos e separamos em grupos temas que fazem parte e dão corpo às disputas evidenciadas.

Considerando o conceito de Gênero diretamente aliado ao contexto histórico de luta contra a discriminação (PISCITELLI, 2009), era de se esperar que ele apareça em quase todo o produto, ficando verbalmente de fora, apenas no quinto episódio da série, na qual não há nenhuma fala direta abordando o conceito.

A partir do primeiro episódio, sobre pessoas intersexo, pode se inferir que Corpo Especulado compreende que, a partir das reformulações não pensamos em apenas duas distinções entre homens e mulheres (masculino e feminino), “mas como as construções de masculinidade e feminilidade são criadas na articulação com outras diferenças, de raça, classe social, nacionalidade, idade” (PISCITELLI, 2009, p.148). E este posicionamento pode ser verificado também no episódio seis com a inclusão de uma mulher trans no debate sobre cirurgias plásticas.

Por ser um podcast de ciência, com o recorte histórico do corpo compreendido como feminino também se espera que a discussão se localize na temática da Saúde, com as diferentes divisões médicas: mental, obstétrica, ginecológica, reumatológica, entre outras. Em contraponto, Políticas Públicas e Maternidade se espalham entre os episódios de maneira variada e há outros que só são tangenciados uma única vez, como o aborto e a beleza.

A temática Racial e LGBTQIA+ foram compreendidas quando há um direcionamento para as questões de pessoas não-brancas. Por exemplo, quando no primeiro episódio é evidenciado o questionamento se os níveis hormonais de atletas têm um padrão branco de análise e qual é o impacto para as atletas negras, latinas, indígenas etc? Ou quando no segundo episódio se pontua que não há muitos métodos de proteção contra IST's disponíveis para mulheres lésbicas, evidenciando o encontro com Sexualidade.

Em contraponto, é importante frisar que apesar de algumas situações convergirem para dois tópicos temáticos, fizemos questão de diferenciar racial de racismo. A discriminação racial explicita a violência associada à raça. E o mesmo se verifica no machismo, pelo discriminação associada ao gênero. No entanto, para combatermos esses problemas também consideramos importante nominá-los e diferenciados do contexto amplo de violência, que inclui, assédio, violência obstétrica etc.

Por fim, concluímos que a análise de Piscitelli (2009) que patriarcado é um conceito que tem se esvaziado dentro da mobilização feminista, encontra eco neste produto, pois em nenhum dos episódios não há qualquer menção direta ou indireta sobre o mesmo.

Tabela 2 - Sistematização por episódios de temas e conceitos abordados e/ou mencionados.

	por Episódios					
Temáticas abordadas ou mencionados	Duas Caixinhas	Especuladas	Históricas e Lobotomizadas	Complicadas demais	Orgasmos Perdidos	Cereja do Bolo
Gênero						
Saúde						
Maternidade						
Aborto						
Sexualidade						
Beleza						
Racial						

LGBTQIA+						
Políticas Públicas						
Violência						
Racismo						
Machismo						
Patriarcado						-

Fonte: a autora

5.3 Disputas científicas

Qual é a definição de ciência? E porque divulgá-la? Normalmente a ciência é associada com conhecimento de um assunto específico. “A ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade, é possível um mesmo objeto ou fenômeno ser observado e compreendido por diferentes perspectivas, seja científica ou comum” (LAKATOS, 2003, p.79). E o caminho da divulgação científica é justamente o de associar um fenômeno observado cientificamente para uma linguagem acessível e palpável para conhecimento popular.

Precisamos considerar inclusive a coexistência e uso de diferentes tipos de conhecimento por uma mesma pessoa.

Apesar da separação "metodológica" entre os tipos de conhecimento popular, filosófico, religioso e científico, no processo de apreensão da realidade do objeto, o sujeito cognoscente pode penetrar nas diversas áreas: ao estudar o **homem**, por exemplo pode-se tirar uma série de conclusões sobre sua atuação na sociedade, baseada no senso comum ou na experiência cotidiana; pode-se analisá-lo como um ser biológico, verificando, através de investigação experimental, as relações existentes entre determinados órgãos e suas funções; pode-se questioná-lo quanto à sua origem e destino, assim como quanto à sua liberdade; finalmente, pode-se observá-lo como ser criado pela divindade, à sua imagem e semelhança, e meditar sobre o que dele dizem os textos sagrados. (LAKATOS, 2003, p.79)

A definição de ciência é um campo de debate controverso sem solução definitiva. No entanto, pode considerar-se que ciência “é uma forma de conhecimento que tem por objetivo formular, mediante linguagem rigorosa e apropriada (...) leis que regem os fenômenos (...)” e

portanto, “pode ser caracterizada como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível.” (GIL, 2008, p.21).

De todos esses adjetivos que sustentam a estrutura científica, destacamos *falível*. Para Eva Maria Lakatos, o “conhecimento é falível, em virtude de não ser definitivo, absoluto ou final” (LAKATOS 2003 p.79). Já para Antônio Gil, “é falível porque, ao contrário de outros sistemas de conhecimento elaborados pelo **homem**¹⁷, reconhece sua própria capacidade de errar” (GIL, 2008, p.22). A necessária e constante reavaliação científica se faz necessária por muitos aspectos, seja o rigor de análise, a superação de conceitos ou inclusive a necessidade de se (re)avaliar pressupostos difíceis de serem questionados.

Em dois diferentes livros de metodologia, o agente da ação científica é o homem. Este trecho rememora a avaliação de Piscitelli (2009) de que as instituições não estão isentas da discriminação entre gêneros, e se isso pode incluir o movimento militante de esquerda, pode também incluir a ciência, e, conseqüentemente excluir ou dificultar a participação de não-homens, como exaustivamente foi evidenciado nos episódios da série *Corpo Especulado*.

Assim, a ciência, como campo de disputa entre narrativas e conceitos precisa passar por uma constante reavaliação que incluía não só o debate do que se é, mas também como se faz e quem se inclui, considerando fatores sociais de análise e discriminação, articulados simultaneamente em diferentes possibilidades.

6. Considerações Possíveis

Ao discutir ciência atrelada ao gênero, em um formato de mídia contemporâneo muitos conceitos e temas se articulam em rede. Como artigo podemos concluir que o produto ao conversar diretamente com quem ouve, com a apresentação de contextos históricos e experiências pessoais relevantes, integra a pessoa ouvinte ao campo de disputa.

A facilidade contemporânea em acessar conteúdos feministas de maneira fluida, prática e compreensível é uma das formas de revisitar e reformular coletivamente temas e assuntos históricos do movimento. Para inclusive avaliar e reformular como as teorias e práticas podem e devem considerar todas as variedades possíveis de pessoas participantes.

A narrativa, feminista, de *Corpo Especulado*, discorre sobre os assuntos buscando abrir questionamentos em um campo mais inclusivo e justo com os diferentes corpos e gêneros. Passando com desconfiança e atenção por atitudes e práticas naturalizadas nos ambientes científicos, médicos e históricos. Fazer feminismos nunca foi tarefa fácil, cabe

¹⁷ grifos desta página são nossos.

agora utilizarmos as ferramentas que temos disponíveis para fortalecer, disseminar e continuar debatendo e construindo mudanças sociais tão necessárias e urgentes.

7. Referências

CANTÚ RODRIGUES SOARES, A.; MAZZARINO, J. M. **Feminismo en Internet: cómo las redes sociales contribuyen al desarrollo de la cuarta ola feminista en Brasil.** *Contratexto*, n. 036, p. 261-286, 29 nov. 2021.

CORPO ESPECULADO: 01 - DUAS CAIXINHAS. Apresentação de Helena Bertho e Sarah Azoubel. *AzMina e 37 graus*, agosto 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6M0y8Yb63urskFATZ1OobV?si=5f2d8084baef4642>. Acesso em: maio de 2023

CORPO ESPECULADO: 02 - ESPECULADAS. Apresentação de Helena Bertho e Sarah Azoubel. *AzMina e 37 graus*, agosto 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3iPLF5pGOpRqIAHAey8PLF?si=ba9ee303de3e45cd>. Acesso em: maio de 2023

CORPO ESPECULADO: 03 - HISTÉRICAS E LOBOTOMIZADAS. Apresentação de Helena Bertho e Sarah Azoubel. *AzMina e 37 graus*, agosto 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7KY1FAkUHtWynhifEGLypS?si=9e54e8ab91794e8f>. Acesso em: maio de 2023

CORPO ESPECULADO: 04 - COMPLICADAS DEMAIS. Apresentação de Helena Bertho e Sarah Azoubel. *AzMina e 37 graus*, agosto 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7gyaRdxdlNKntdCh821Bnc?si=f39a4213c0904023>. Acesso em: maio de 2023

CORPO ESPECULADO: 05 - ORGASMOS PERDIDOS. Apresentação de Helena Bertho e Sarah Azoubel. *AzMina e 37 graus*, agosto 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6Ki7tSWIOQkcygRfsqcXOz?si=040f8c652b5848c7>. Acesso em: maio de 2023

CORPO ESPECULADO: 06 - CEREJA DO BOLO. Apresentação de Helena Bertho e Sarah Azoubel. *AzMina e 37 graus*, agosto 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0CGFLJRIqpeKjiSUAuSU8i?si=28069c5d196043b7>. Acesso em: maio de 2023

CORPO ESPECULADO. Apresentação de Helena Bertho e Sarah Azoubel. *AzMina e 37 graus*, agosto 2022. Notas e transcrições. Disponível em: <https://www.37grauspodcast.com/temporadas/corpo-especulado/>. Acesso em: maio de 2023

FELGUEIRAS, Ana Cláudia M.Leal. **Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro. Das Sufragistas ao Ciberfeminismo.** In: Revista Digital Simonsen, Nº 6, Maio. 2017. Disponível em: www.simonsen.br/revistasimonsen ISSN:2446-5941

FIGUEIRA, Ana Cristina Peixoto. **Podcasts de Divulgação Científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros.** 2020. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/46114/Ana_Figueira_COC_2020.pdf;jsessionid=27C912B8240A94E4B9ED3A82E1724AEB?sequence=2

GIL, Antônio Carlos. **Método e Técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: ATLAS, 2008.

HACK, A.; LIMA, A. **Militância Podcaster Feminista: um Exercício Etnográfico.** Revista Eco - Pós, v. 25, n.3, p.340 - 360, 2022. DOI:10.29146/eco-ps.v25i3.27951. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27951/15337

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** / Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003

ROSSI, Thais Martins. MANENTE, Maria Emília Pelisson. **Do Feminino ao Feminismo: Uma Análise de Reportagens na Revista AzMina.** Centro Universitário Faesa, Vitória, Espírito Santo. Trabalho apresentado na Intercom Junior do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0453-1.pdf>

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito.** In: Diferenças, igualdade. ALMEIDA, Heloisa Buarque de Almeida; SZWAKO, José Eduardo (orgs.). São Paulo: Berleandis e Vertecchia, 2009. 118-148.

VICENTE, Eduardo. **Gêneros e formatos radiofônicos.** In.: Núcleo de Comunicação e Pesquisa/ NCE- ECA USP. s.d. Consultado em 31 maio de 2023. URL: <https://usp.br/nce/wcp/arq/textos/61.pdf>

YAMAMOTO, Débora Cajé. **Mobilizações feministas na internet e a formação de redes de solidariedade online.** In.: *Ponto Urbe* [Online], 29 | 2021, posto online no dia 27 dezembro 2021, consultado o 31 maio 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10997>;DOI:<https://doi.org/10.4000/pontourbe.10997>